

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ARTE ROMANA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1976 | Número: 86

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Arte romana. *Revista de Guimarães*, 86 Jan.-Dez. 1976, p. 251-255.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Arte romana

Por MÁRIO CARDOZO

Como afirma o Poeta, «o *Homem não vai todo à sepultura*». Esta verdade acaba de ser exuberantemente demonstrada pela nova edição da obra do eminente Professor espanhol Doutor António García y Bellido, há pouco falecido, intitulada «Arte Romano», um sumptuoso volume que, por gentileza do Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha, através da sua Repartição de Publicações, acaba de me ser oferecido, honrando-me com a solicitação de uma recensão bibliográfica a publicar em Portugal ou em Espanha¹.

De facto, o malgrado Autor que cito, continua ainda a viver para nós, posto que morto, pela herança literária e científica que nos legou, através do seu profundo saber, da sua vasta obra imperecível, superiormente concebida e executada, da qual é um novo testemunho esse livro agora vindo a lume, que suponho talvez ele já não tivesse a satisfação de ver publicado.

Não me sinto com forças para uma apreciação substancialmente crítica desse último Livro de tão prestigioso Autor, pois pretendo apenas manifestar publicamente, nestas singelas linhas, a minha humilde homenagem de admiração e louvor à memória do Homem sábio que nos deu (a todos os que cultivamos o amor do estudo),

¹ António García y Bellido, *Arte romano* Madrid, 1972, (Segunda edición notablemente acrecida, XX + 836 págs. con 1.049 figuras entre el texto.) (Constitue el núme 1 de la serie *Enciclopedia Classica*, publicación del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Patronato Menéndez y Pelayo.)

nessas páginas sobre que nos debruçamos, um quadro exaustivo, completo, do que chamamos «Arte romana», em face do que, por hábito ou comodidade, se costuma designar por «Arte greco-romana». Com segura argumentação e convincente demonstração, ele nos mostra claramente, comparando e documentando pela profusão das imagens, que existem fundamentais distinções entre a Arte grega e a sua posterior romana, quer consideremos a Architectura ou quaisquer das Artes plásticas, figurativas ou ornamentais, ou sejam, a Escultura e a Pintura, ou ainda as chamadas Artes Menores dos dois grandes povos criadores da civilização e cultura da Antiguidade Clássica—Grécia e Roma. Note-se, desde já, que a expressão «Arte romana» não é nesse Livro concebida (conforme, nas páginas da monumental *Introdução* da mesma obra o Autor explica) respeitante somente a Roma, como capital, nem tão pouco ao mundo ocidental latinizado ou romanizado, mas sim abrangendo toda a área geográfica dominada por Roma, isto é—todo o Império Romano.

Dentro deste conceito geral, não é, porém, de estranhar que García y Bellido, na sua qualidade de investigador espanhol, quisesse e pudesse destacar as influências da Arte romana, com maior atenção em determinada província ou zona da antiga Hispânia, do que procurar distinguir, indeterminadamente, as mesmas influências nas outras províncias da Península, nomeadamente na Lusitânia, correspondente ao Portugal de hoje, embora, no período clássico, o território abrangido pelas duas nações peninsulares actuais estivesse todo ele incorporado no Império. Daqui, em parte se explica que o texto relativo à Espanha contenha neste livro muito mais abundante documentação do que a referente por exemplo a Portugal. Mas talvez ainda, pelo facto de hoje se encontrar um número de exemplares de Arte romana menor em Portugal do que em Espanha, contribuisse também, não só a pequena área do território da antiga Lusitânia, em confronto com a grandeza de toda a Hispânia, mas ainda a barbárie dos habitantes da zona atlântica e do norte, adversos, por índole bélica, ao domínio estranho e à consequente introdução na sua primitiva cultura das influências artísticas e sociais dos invasores romanos. Lembremos que as lutas entre lusitanos e romanos na ocupação do país duraram cerca de dois séculos,

e só depois da queda de Numância, na Meseta castelhana, perante as legiões de Cipião, é que terminaram, de vez, as guerras viriatinas, ao tempo em que na Hispânia, a maior parte do território estava já submetido pelos romanos e as influências da superior cultura destes se faziam sentir largamente em construções arquitectónicas e edificações monumentais, em suma na urbanização de um território por desbravar. Por estes motivos se explica que García y Bellido se visse limitado a documentar o seu Livro com restritas alusões aos poucos exemplares típicos da Arte romana que hoje restam em Portugal: apenas uma ou outra referência fez no texto, aqui e além, às manifestações da Arte romana em Portugal e às reproduções de monumentos que limitou ao chamado templo de Diana, em Évora (pág. 454, fig. 785) e ao relevo escultórico do sarcófago encontrado em Reguengos, que hoje se conserva no Museu Nacional de «Soares dos Reis», no Porto (pág. 603, figura 1.070).

Dividiu metodicamente García y Bellido o texto deste seu magnífico Livro, de carácter manifestamente didáctico, como toda a sua vasta Obra em conjunto, em quatorze capítulos correspondentes a outros tantos períodos da historiografia romana, considerada sob o ponto de vista da evolução da arte clássica, abrangendo um decurso de mais de três séculos. O primeiro desses capítulos decorre durante o período que vai desde a expulsão dos reis ao fim das guerras hanibálicas (202 a. C.); o segundo vai desde a 2.^a guerra púnica até à vitória obtida na batalha de Actium em 31 a. C., seguindo-se-lhe o terceiro período abrangendo a época de Augusto (31 a. C. a 14 d. C.); depois, o quarto, na época dos Júlios-Cláudios (14-68) e o quinto na dos Flávios (68-98); o sexto e sétimo decorrem sucessivamente nas épocas de Trajano (98-117) e de Adriano (117-138); o oitavo na dos Antoninos (138-192) e o nono na época dos Severos (192-235) até o período relativo à anarquia militar (235-285), seguindo-se o da tetrarquia (285-312), a época de Constantino (312-337) e a dos filhos deste, até à morte de Teodósio (395). Conclue o livro com um último capítulo, relativo à Arte romana nas moedas.

Em cada um desses períodos o Autor analisa, larga e concisamente as características, estilos, a técnica do trabalho, os materiais empregados, etc. relativos à Arqui-

tectura (anfiteatros, termas, habitações, circos, pontes, aquedutos, templos, arcos monumentais honoríficos, colunas triunfais, basílicas, etc.), à Pintura (figurativa e ornamental, em estuques, a pintura histórica, os retratos, etc.), à Escultura (estatuária, bustos, cabeças, retratos, decorações, relevos, mausoléus, sarcófagos, etc.), às Artes Menores (baixela artística, joalheria, páteras, gemas, o vidro, o mosaico ornamental, a cerâmica, as lucernas, a glíptica, etc.). Tudo isto constituindo um acervo de pormenores completamente esgotante que só um profundo conhecedor de toda uma evolução da Arte, durante uma extensão superior a três séculos, poderia substancialmente descrever!

As diferenças entre a Architectura grega e a romana salienta-as, com meridional clareza, García y Bellido, demonstrando que: «a primeira é essencialmente religiosa; a romana marcadamente militar e civil. A construção grega, sob o ponto de vista técnico, origina-se ou filia-se na estrutura elementar da construção primitiva — o dolmen, isto é, na construção baseada no princípio de apoiar sobre pés direitos um elemento horizontal e cobrir deste modo um espaço; pelo contrário a Architectura romana é produto de um sábio e estudado conjunto de arcos, abóbadas e paredes, de maciços e vãos, de partes vivas e mortas, de cargas e descargas, em suma, Architectura com ossos, nervos e músculos, como um corpo humano. A Architectura grega é estática; a romana dinâmica» (págs. 2-3). E García y Bellido cita mesmo, em seguida, uma relativa abundância de primitivos architectos portadores de nomes latinos, entre os quais o do lusitano C. Servius Luques, natural de Aeminio (Coimbra), a quem se atribui o projecto do Farol de *Brigantium* (La Coruña) antigo monumento romano ainda ali existente.

Quanto às Artes plásticas nitidamente romanas, quer se trate da Escultura ou da Pintura, figurativas ou ornamentais ou pelo que respeita às Artes Menores, acentua-lhes o insigne investigador e comentador uma forma de expressão e um conteúdo, na verdade fundamental, inicialmente gregos, à excepção dos relevos em sarcófagos e urnas cinerárias, que são caracteristicamente romanas e não tiveram precursores, constituem uma criação nova na qual nem o antecedente grego, nem tão pouco, o etrusco, precursor directo do romano, jogaram

qualquer papel decisivo. E, entre os monumentos romanos desta espécie, aponta-nos como exemplo o belo sarcófago achado em Reguengos (Portugal), a que atrás já nos referimos.

Todavia acrescenta: quer a esta Arte se lhe chame «romana», quer impropriamente «greco-romana», é evidente que ela apresenta características essenciais específicas próprias que a distinguem, na sequência das suas variadas etapas (pág. 10).

Finalmente, só um investigador como García y Bellido, universalmente considerado o mais competente Mestre de Arqueologia e História Clássicas, no âmbito dos múltiplos aspectos desse período cultural, destacados neste seu último Livro com referência especial às manifestações artísticas romanas, só um douto como foi este notabilíssimo homem de ciência, *double* de crítico de Arte, e ele mesmo com alma de artista, poderia elaborar tão completa obra, indispensável na mesa de trabalho do simples estudioso que deseja aprender, ou mesmo do profissional que tenha por missão ensinar, com segura probidade.

Só quem, como García y Bellido, muito viajou por todos os países do mundo ocidental, onde mais expressivamente se expandiu a cultura clássica, quem muito viu, meditou, apreciou, comparou e, por fim, aprendeu para poder argumentar e concluir, com acertada visão dos problemas, poderia redigir este importante Tratado de «Arte Romano», com mais de 800 páginas de denso texto, magistral e metódicamente organizado, e mais de mil gravuras documentais intercaladas, e apoiado numa bibliografia perfeitamente actualizada.

Honra e glória são devidas a quem tão honesta e seguramente passou a vida trabalhando em benefício dos pósteros.